

X CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

sociedades desiguais
e paradigmas em confronto



Volume II

Ciências sociais, tecnologia e comunicação:
Trabalho e organizações

Manuel Carlos Silva et al. (orgs)
Centro de Investigação em Ciências Sociais (ed)
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho

Índice

Ciências Sociais, teorias e metodologias	1
Qualidade de vida e risco na teoria social latino-americana: algumas considerações sobre o caso brasileiro	1
A pesquisa participativa enquanto método de estudo e intervenção não-invasiva na agricultura familiar	7
Comunicação e cooperação lusófonas: um caso.....	17
Metodologias emancipatórias e empoderamento: a experiência do Projeto Quilombolas de Minas Gerais – Brasil	20
Patrimônio Cultural da Saúde na Bahia: 150 Anos de História.....	27
Música à vontade: o You tube, o desejo e a experiência social na escuta on line	35
O velho no novo: os novos instrumentos tecnológicos e a violência simbólica entre estabelecidos e outsiders	39
A epistemologia feminista nas ciências econômicas: limites e possibilidades.....	45
Os percalços para a consecução de uma teoria social do meio ambiente	52
O uso (e abuso) de conceitos das ciências naturais pelas ciências sociais.....	57
Etnografia: a educação do olhar e seus usos na pesquisa educacional	61
Universidade, Pesquisa e Racionalidades das Ciências Sociais: Elementos para uma Reflexão Sociológica do Caso Angolano.....	69
Pesquisa, colaboração e docência online: uma tessitura por meios pedagógicos/ comunicacionais.....	76
Memórias de Infância e Violência Escolar. Estudo Biográfico em Contexto Prisional.....	86
Sobre a sociogênese da sociedade e do indivíduo como questões: Um ensaio sobre a crítica à dicotomia sociedade/indivíduo	90
A Escola de Francforte: teoria crítica social.....	103
Experiência estética como experiência formadora	108
A cultura das disciplinas: a organização do conhecimento nas universidades brasileiras	116
Repensar o tema da barbarie a partir da pessoa e do diálogo	133
Pobreza e a preservação dos direitos da juventude brasileira: aparatos legais e sócio-políticos.....	142
Modelo Integrativo de Explicação do Sentimento de Insegurança.....	148
Antropologia e História: modos de relação	155
As Regras do Método Sociológico: A Contribuição Crucial de Durkheim Para a Fundação de uma “Ciência da Moral”	161
Ciência, tecnologia e comunicação.....	172
Realidade, ficção e participação: o caso das nanotecnologias.....	172
A Nanotecnologia na representação do futuro: breve análise sobre a representação da nanotecnologia na imprensa.....	180
Ciência e tecnologia e inovação – uma análise da política de financiamento da pesquisa no Brasil.....	191
Ciência, Tecnologia e Risco no Parlamento Português.....	199
Empreendedorismo científico – Paradigmas e realidades	208
A presença feminina na imprensa regional: o caso do Correio do Minho e do Diário do Minho.....	210
As representações sociais de gênero nas notícias televisivas.	222
Afinidades e Diferenças: a Comunicação e a Convivência com as Desigualdades.....	227
Gênero e Tecnologias da informação e comunicação - O estado da arte política na união europeia em Portugal.....	232
Ambientes sociais em rede.....	242
Um olhar para Aveiro a partir da mídia digital	254
Janelas Videográficas - as imagens e as megametrópoles contemporâneas	260
Conflitos de significação e alternativas de comunicação: notas sobre a experiência da radiofonia comunitária no Brasil.....	263
TV Educativa e regulação: peculiaridades das emissoras catarinenses	272
Dilemas e impasses da inclusão digital	278
Os recursos audiovisuais no método Paulo Freire: o computador como ferramenta cognitiva para alfabetizar	284
TV digital e educação: promovendo uma aprendizagem alfabetizadora, o caso TV mímica	290
A utilização do computador como recurso audiovisual e interativo no método Paulo Freire de alfabetização	296
Trabalho, profissões e organizações.....	300
Saberes profissionais e escola	300
O Modelo de Competências: entre o pragmatismo e o tecnicismo.....	306

Cultura Profissional: a construção de um objecto interdisciplinar a partir de um estudo sobre a clínica veterinária	318
Reconstrução de identidades profissionais em contexto de mudança institucional: uma contribuição psicossociológica	325
A incubadora tecnológica de cooperativas populares (ITCP/FURB) - consolidando a economia solidária em Blumenau e região	332
Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade	340
Propostas e significados do ensino do empreendedorismo: Explorando tendências recentes do mercado de trabalho e da formação profissional	347
Trabalho imaterial, controle afectivo e desigualdade	359
Um modelo de análise de relações luso-africanas em contextos organizacionais moçambicanos – contributos para uma reflexão	369
Maior dominação e uma nova configuração de poder na escola	381
Formas e Importância Económica e Social da Aprendizagem Organizacional	394
Os Direitos Humanos e o Trabalho na Perspectiva da Economia Solidária no Brasil	407
Das fontes de satisfação no trabalho à satisfação organizacional	416
Precarização do trabalho docente nas universidades públicas federais brasileiras	431
Diversidade étnica e os negros nas organizações: um estudo em Betim	439
Reestruturação das telecomunicações no Brasil, trabalho e a constituição de competências industriosa	451
A relação trabalho e educação no contexto empresarial	462
O desemprego e as políticas de emprego e renda do governo federal no período recente: uma análise da gestão Fernando Henrique Cardoso	469
Trabalho, contrabando e clandestinidade: as transformações das práticas sociais na fronteira do Brasil com o Paraguai	478
Indiscernibilidade do trabalho e acumulação capitalista: o estudo de caso de 700 mil revendedoras de cosméticos	485
Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil da década de 2000	497
Os mecanismos e processos de adaptação às mudanças ambientais como meio de sobrevivência e crescimento das organizações: Um estudo de caso em Angola	510
Percepção sobre a Gestão de RH dos trabalhadores de supermercados de Belém, Pará, Brasil	518
Artes, trabalho e precarização: músicos da OSTP e atores do Grupo de Teatro Cuíra	528
Organizações e Trabalho: Uma nova visão do Empreendedorismo Social	532
Frutos em rede: estrutura e dinâmica da Pêra Rocha do Oeste	543
A divisão sexual do trabalho: um estudo das teleoperadoras no Brasil	553
Formação e desenvolvimento de recursos humanos numa rede de empresas	559
Competências, Formação, Mudança, Competição: Conflito ou Complemento?	574
Considerações sobre a responsabilidade social das empresas em contextos de desigualdade e exclusão	580
Apreciações sobre o conservadorismo no Serviço Social	586
O Orientador Educacional na Política Nacional de Educação – Um Estudo de Caso na Rede Municipal de Ensino de Pelotas – RS/ Brasil	589
Trabalho e profissão: Notas sobre o perfil do Serviço Social no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro	599
A advocacia como profissão no Brasil imperial	612
Cotejos e análises sobre o protagonismo profissional e a qualidade em saúde no setor público	625
Níveis de emprego na Zona Franca de Manaus: tendências e desafios contemporâneos	633
Os assistentes sociais o saber que mobilizam e a construção da autonomia nos processos de interação social	640
A Reforma da Carreira Docente: Uma Análise da Conflitualidade Sindical e Profissional	652
Juventude, Educação e Trabalho: debates contemporâneos no Brasil	669
Inserção do Jovem no mercado de trabalho pernambucano: Programa "Emprego Jovem"	673
População em Idade Activa, Trabalho e Qualificações	684
Ações e Saberes mobilizados por professores da educação profissional técnica	701
A Área de Recursos HUMANOS E Sua Ligação com Sistemas de Suporte de Apoio à Decisão: Caminhos para o Futuro	707
O movimento de inclusão nas organizações: relações entre educação e inclusão no trabalho	717
Conexão entre Desenvolvimento Regional e Empreendimentos Populares	731
A Democracia dialógica: uma análise das iniciativas de economia solidária no Brasil	739
Trabalho e Mulheres: Organização e estratégias de geração de renda	750
Cooperativismo: Uma alternativa organizacional do trabalho	760

Relações de Trabalho no Mundo Globalizado	764
As Novas Configurações da Informalidade e da Precarização: o caso dos trabalhadores de moto-táxi em Campina Grande – PB	768
Modalidades de Inserção Profissional, Espaços de Atuação e Percepções do Jornalismo no Brasil	778
Apreciações sobre o conservadorismo no serviço social	790
As tradicionais técnicas de construção naval artesanal maranhense e o conceito de bem cultural imaterial	793
Intersecções entre capital e trabalho: a indústria do calçado de Franca (Brasil)	805
Rolo compressor e água da fonte: jovens, reprodução e técnicas de subjetivação capitalísticas contemporâneas	813
Incubadora de economia solidária e potencialização do desenvolvimento sustentável e da autonomia das experiências de geração de trabalho e renda em São Borja e na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul	817
As funcionárias terceirizadas da Universidade de Brasília e seus filhos no trabalho: consequências da falta de escolas públicas de tempo integral	827
O bom-senso como competência política dos profissionais de recursos humanos	830
Educação, formação para o trabalho e hegemonia	835
Gestão da Formação e Estratégias Empresariais no Sector de Componentes para Automóvel	844
Trabalho e Sociabilidade na Construção Civil	857
Condições de trabalho e Acidentes Laborais em Portugal. Entre regulação e competitividade económica	860
Plano Simplificado da Previdência Social: é a solução para inclusão previdenciária brasileira?	871
Trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro.	876
A violência visível e invisível dos acidentes de trabalho na polícia militar do Rio Grande do Sul/Brasil	885
O trabalho do agente comunitário de saúde e a política de atenção básica em São Paulo/Brasil	898
Mudanças no trabalho e perspectivas para jovens portadores de necessidades especiais	907
Abandono aprendido: da investigação às propostas de acção	915
Interfêre entre modernização e precariedade: trabalhadores rurais no semi-árido brasileiro	928
Estudo sobre o assédio moral nas relações de trabalho em agências bancárias na cidade de Astorga, no estado do Paraná.	939
Da vida das ruas para a associação coletiva: confiança interpessoal e a necessidade da re-significação conceitual na Economia Solidária	949
Um estudo luso brasileiro acerca das estratégias de disciplinarização nos espaços sociais das Feiras do Norte de Portugal e do Nordeste do Brasil	961
Identidade e trabalho na economia solidária	967
A contribuição da política/programa de economia solidária para a viabilidade das experiências de geração de renda	971

profissionalmente não obtiveram tanto sucesso assim (2.073 jovens). Esses números refletem os pífios resultados da política pública do Programa "Emprego Jovem" de Pernambuco.

Acredita-se que o País necessita rever estrategicamente a sua política de qualificação, abandonando o seu enfoque compensatório e deve associá-la à dinâmica econômica compreendendo-a como peça relevante da política de crescimento articulada com a política de elevação da produtividade e da competitividade da economia brasileira.

Referências

- Barbosa, A. F. & Moretto, A. (2006). As Políticas de mercado e sua evolução tardia e fragmentada no Brasil. In: Dedecca, C.S. & Proni, M.W. (Orgs). Políticas públicas e trabalho: textos para estudo dirigido. Campinas, SP: Unicamp. IE/ Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Emprego; Unitrabalho. (438p).
- Beluzzo, L.G. & Almeida, J. S. (2002). Depois da Queda – a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do Real. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bourdieu, P. A. (1998). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- (1983) A Juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, (pp. 112-121).
- Dedecca, C. (1999). Racionalização econômica e trabalho no capitalismo avançado. Campinas: Unicamp-IE.
- , (2001). S.M. Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas, In: Carvalho, Brandt Maria do Carmo & Barreira, Maria Cecília Roxo Nobre (orgs.) Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais/São Paulo: IEE/PUC – SP, (224p).
- Draibe, S.M. (1995). Repensando a política social: dos anos 80 ao início dos anos 90. In: Sola, L., Paulani, L. (Orgs.). Lições da década de 80. São Paulo: Edusp/Enrisd.
- Fagnani, E. (2005). Déficit Nominal Zero: A Proteção Social na Marca do Pênalti. Carta Social e do Trabalho, Campinas: Unicamp. IE. Centro de Estudos de Economia Sindical e do Trabalho, n.2.
- Harvey, D. A (1996). Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola.
- Iamamoto, M. V. (1998). Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez.
- Mattoso, J. (2001). O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. 2ªed, 3ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Machado Pais, J. (1990). A Construção sociológica da juventude: alguns contributos. In: *Análise Social*, Vol. XXV (105-106), (pp. 139-165), Lisboa.
- , (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Montano, C.E. (2003). Terceiro Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção. 2ªed, – São Paulo: Cortez.
- Pochmann, M. (2000). A Batalha pelo Primeiro Emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Publisher Brasil.
- Castro, M. G. & Abramovay, M. (2002). Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências. In: Fundação Carlos Chagas, *Cadernos de Pesquisa*, n 116: (p 14).

População em Idade Activa, Trabalho e Qualificações

José Santos

Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal
jrebelo@esce.ips.pt

Maria Filomena Mendes

Universidade de Évora
mmendes@uevora.pt

Resumo: A população em idade activa tem sofrido grandes alterações em relação à sua actividade, com o desemprego a atingir níveis elevados, apesar do prolongamento dos estudos de muitos jovens amenizar de alguma forma o problema. O nosso objectivo é perceber a real dimensão do problema e também quais os requisitos necessários para entrar e permanecer no mercado de trabalho.

Os microdados utilizados respeitam aos IE's, do INE, correspondendo aos inquéritos dos quartos trimestres de 1998, 2000, 2002 e 2004. Só se recolheu informação da população em idade activa.

A metodologia assenta em análise descritiva, análise de correspondências múltiplas entre situação perante a actividade, sexo, grupo etário e qualificações académicas e análise logit binomial e multinomial envolvendo as mesmas variáveis.

A nível de resultados saliente-se a maior vulnerabilidade ao desemprego por parte dos mais jovens, dos menos qualificados e das mulheres apesar destas apresentarem níveis mais elevados de qualificações académicas. Destaque-se ainda a maior taxa de actividade masculina.

Introdução

A população em idade activa tem sofrido grandes alterações em relação à sua actividade, com o desemprego a atingir níveis elevados, apesar do prolongamento dos estudos de muitos jovens amenizar de alguma forma o problema. O nosso objectivo é perceber a real dimensão do problema e também quais os requisitos necessários para entrar e permanecer no mercado de trabalho.

Os microdados utilizados respeitam aos IE's, do INE, correspondendo aos inquéritos dos quartos trimestres de 1998, 2000, 2002 e 2004. Só se recolheu informação da população em idade activa.

A metodologia assenta em análise descritiva, análise de correspondências múltiplas entre situação perante a actividade, sexo, grupo etário e qualificações académicas e análise logit binomial e multinomial envolvendo as mesmas variáveis.

Em termos estruturais após uma breve apresentação dos referenciais teóricos que constituem o pano de fundo do estudo empírico, apresentamos os dados e a metodologia finalizando com a discussão e apresentação de resultados.

A nível de resultados esperados saliente-se a maior vulnerabilidade ao desemprego por parte dos mais jovens, dos menos qualificados e das mulheres apesar destas apresentarem níveis mais elevados de qualificações académicas. Destaque-se ainda a maior taxa de actividade masculina.

1. Conceptualização: Trabalho, mercado de trabalho e População em idade activa

O trabalho pode definir-se como o exercício de uma actividade física e/ou mental, tida como útil para produzir bens e serviços que satisfaçam necessidades humanas (Giddens, 1997) e é "a actividade mais estruturante das sociedades humanas" (Bandeira, 2006, p. 11).

O mercado de trabalho não constitui uma realidade descontextualizada da sociedade pelo que reflecte e produz diversas desigualdades, nomeadamente, incluindo indivíduos e conferindo-lhes um certo estatuto ou excluindo-os e contribuindo para a exclusão social. Um dos fenómenos de desigualdade que ocorre no mercado de trabalho é a discriminação das mulheres (Ferreira 2003, citado em Pedroso, 2005).

O mercado de trabalho, com a globalização, foi sujeito a um conjunto de pressões cujos resultados estão à vista: perda de muitos postos de trabalho e dificuldades acrescidas de inserção ou de reentrada (Kovács, 2004). Os jovens, mesmo quando qualificados, as mulheres e os indivíduos mais velhos, sobretudo quando pouco qualificados, constituem os grupos mais vulneráveis, ficando sujeitos ao drama do desemprego por períodos mais ou menos longos (Ferreira, 2003, citado em Pedroso, 2005; Bureau International du Travail – BIT, 2004).

A população activa, o emprego e o desemprego constituem os três conceitos chave cujas ligações definem os fluxos do mercado de trabalho (Gazier, 1992).

A população em idade activa é a que integra o intervalo de idades entre os 15 e os 64 anos completos (Pereira, 1999) e engloba a população activa e a inactiva, frequentemente denominada por potencialmente activa. Este grupo populacional é definido tendo em conta "...determinações legais acerca das idades mínima e máxima para exercer uma actividade económica" (Bandeira, 2006, p. 16). Eventuais alterações relacionadas com a extensão da escolaridade obrigatória e aumento da idade de reforma, implicarão a alteração destes limites (Bandeira, 2006).

Por população activa entende-se a população que exerce uma actividade económica (podendo estar empregada ou trabalhar por conta própria) ou a população em idade activa que se encontra desempregada (Carrilho, 1996).

Os empregados integram o grupo dos economicamente activos, quer sejam trabalhadores por conta de outrem, quer trabalhadores por conta própria. A população desempregada constitui um outro grupo integrante da população activa caracterizado pelo facto de ter 15 ou mais anos e não estar a exercer uma actividade profissional, mas estar disponível para o seu exercício.

2. Dados e Metodologia

Nos subpontos seguintes caracterizam-se os dados que analisámos e explica-se a metodologia utilizada.

2.1 Caracterização dos Dados

Os microdados utilizados nesta análise dizem respeito aos IE's, da responsabilidade do INE, correspondendo apenas aos inquéritos dos quartos trimestres de 1998, 2000, 2002 e 2004, tal como nos capítulos anteriores. Também neste caso, apenas foi recolhida informação da população em idade activa.

2.2 Metodologia

Análise descritiva correspondendo ao cálculo dos empregados e desempregados por sexo, grupo etário e qualificações académicas.

Em termos exploratórios procedeu-se a uma análise de correspondências múltiplas (ACM), envolvendo as variáveis situação actual, idade, sexo e nível de instrução, para analisar os aspectos relativos às diferentes hipóteses;

Efectuaram-se ainda análises logit binomiais e multinomiais envolvendo como variável dependente a situação actual e como variáveis explicativas, o nível de instrução, o sexo e a idade (recodificada em grupo etário).

3. Apresentação dos Resultados

Nos subpontos seguintes apresentamos os resultados do cálculo da distribuição percentual por sexo em termos gerais, por grupo etário e por nível de instrução, apresentando de seguida os resultados da análise de correspondências múltiplas e das análises logit binomial e multinomial.

3.1 Evolução global da Situação Actual

O significado de “situação actual” (variável que criámos) foi já clarificado no ponto 8.2.3 e engloba, nomeadamente, empregados por conta de outrem (TCO), desempregados, estudantes e trabalhadores por conta própria (TCP).

Como se pode verificar (quadro 1), ocorreu um aumento percentual pequeno, no caso dos homens empregados, e um pouco mais expressivo, no caso das mulheres. No entanto, os homens empregados continuam, em termos percentuais, a ser substancialmente mais do que as mulheres.

Em relação à situação de desempregado, verifica-se um acréscimo bastante expressivo para ambos os sexos que reflecte uma situação conjuntural de aumento do desemprego. O desemprego feminino é superior ao masculino.

Os trabalhadores por conta própria (TCP) são sobretudo do sexo masculino verificando-se uma tendência de diminuição da sua representatividade para ambos os sexos.

O número de estudantes constitui uma parcela representativa da população em idade activa, em especial no caso do sexo feminino. Entre o 4º trimestre de 1998 e o 4º trimestre de 2004, a sua proporção, na população em idade activa, passou de 10,9% para 11,1% no caso dos homens, e de 11,3% para 11,7%, no caso das mulheres conforme consta no quadro seguinte.

Quadro 1 - Situação actual em função do sexo

	Empregado		Desempregado		Estudante		TCP	
	H	M	H	M	H	M	H	M
1998	54,2	41,6	4,8	5,6	10,9	11,3	18,7	11,4
2000	55,7	42,3	4,1	5,1	10,6	11,6	17,4	10,3
2002	55,1	43,8	5,8	6,8	9,7	11,0	17,7	10,9
2004	54,9	46,6	6,5	7,4	11,1	11,7	16,9	10,6

Fonte: DNE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

É a nível dos detentores de instrução superior que a taxa de emprego é substancialmente maior (quadro 2). Mas, no período em apreço, verificou-se uma diminuição dessa taxa passando de 76,5% para 75,5%; no mesmo período, a taxa de emprego dos indivíduos com habilitações de nível secundário aumentou de 50,3% para 52,7%; no caso dos que possuem apenas instrução básica, verifica-se uma ligeira redução da taxa de emprego, passando de 49% para 48,9%; pelo contrário, no caso dos que não possuem qualquer grau de instrução, a taxa de emprego passou de 24,5% para 26,7%.

Em relação ao desemprego, as taxas aumentaram para todos os níveis de instrução com excepção do nível secundário: a) neste último caso o desemprego passou de 5,4% para 5,2%; b) o desemprego é mais elevado para os detentores de instrução básica tendo passado de 5,5% para 7,6%; c) no caso dos que não possuem qualquer grau de instrução o desemprego passou de 4,3% para 6,1%; d) em relação aos detentores de nível de instrução superior, e não obstante apresentarem em 1998 a taxa de desemprego mais baixa (3,4%), o facto é que ao passarem para 5,6%, apresentam o acréscimo mais elevado, consubstanciado num crescimento de 64,7%.

Nos trabalhadores por conta própria assumem maior importância os indivíduos sem qualquer grau de instrução, seguidos dos com instrução básica, e assumem menor relevância os indivíduos com instrução de nível secundário.

Quadro 2 - Situação actual por nível de instrução

Instrução superior	Empregado	Desempregado	Estudante	TCP
1998	76,5	3,4	2,2	10,0
2000	78,2	3,7	3,0	8,4
2002	76,6	5,9	1,9	8,1
2004	75,5	5,6	2,7	9,4
Instrução secundária	Empregado	Desempregado	Estudante	TCP
1998	50,3	5,4	29,7	7,4
2000	51,0	4,3	30,9	6,6

2002	51,5	5,5	28,0	8,3
2004	52,7	5,2	27,7	7,2
Instrução básica	Empregado	Desempregado	Estudante	TCP
1998	49,0	5,5	10,7	15,9
2000	49,5	4,8	10,1	15,1
2002	49,4	6,6	9,2	15,5
2004	48,9	7,6	10,1	15,5
S/ grau de instrução.	Empregado	Desempregado	Estudante	TCP
1998	24,5	4,3	0,4	18,9
2000	25,4	4,0	0,2	16,0
2002	24,7	5,6	0,3	17,4
2004	26,7	6,1	0,4	15,8

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

No que diz respeito à análise de estudantes por nível de instrução, apenas no caso dos detentores de instrução superior se verificou um acréscimo que é indiciador do prosseguimento de estudos, nomeadamente consubstanciados em pós-graduações, mestrados e doutoramentos. Para os níveis de instrução secundária e básica verifica-se uma ligeira diminuição e no caso dos que não possuem qualquer grau de instrução, os valores de 1998 coincidem com os de 2004.

Nos quadros seguintes (quadros 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10), procedeu-se a uma análise mais detalhada por sexo, grupo etário e nível de instrução.

Podemos verificar que as taxas de emprego mais elevadas em 1998, diziam respeito a detentores de instrução superior, destacando-se as mulheres e os grupos etários 40-44, 45-49, 30-34 e 35-39 anos (quadro 3). De notar ainda que nos grupos etários entre 50 e 64 anos, com especial destaque para o grupo 60-64 anos, a taxa de emprego é substancialmente mais elevada para os detentores de instrução superior sobretudo homens, indiciando uma saída mais tardia do mercado de trabalho.

Em relação ao desemprego, registaram-se taxas mais elevadas para os homens pertencentes aos primeiros grupos etários, não se podendo encontrar regularidades que permitam tirar quaisquer ilações em relação aos níveis de instrução (quadro 3).

Quadro 3 – Taxas mais elevadas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 1998)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 1998)			
Superior	40-44	Mulher	93,01	1	s/ instr	15-19	Homem	11,11
Superior	45-49	Mulher	92,91	2	superior	20-24	Homem	10,20
Superior	30-34	Mulher	87,18	3	básico	20-24	Mulher	9,86
Superior	35-39	Mulher	86,88	4	Secund	25-29	Mulher	9,70
Superior	35-39	Homem	84,95	5	Superior	25-29	Homem	9,70
Superior	30-34	Homem	81,71	6	Básico	25-29	Mulher	9,62
Superior	50-54	Mulher	78,31	7	Secund	50-54	Homem	8,64
Superior	25-29	Mulher	77,82	8	Básico	30-34	Mulher	7,99

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

As taxas de emprego mais baixas verificam-se em especial nos primeiros e últimos grupos etários da população em idade activa, no 1º caso indiciando um retardar da entrada no mercado de trabalho e, no 2º, um antecipar da saída do mesmo. Estas baixas taxas de emprego fazem-se sentir mais na população do sexo feminino e nos indivíduos menos qualificados (quadro 4).

As taxas de desemprego mais baixas verificam-se em especial nos indivíduos com formação superior e nas classes etárias entre os 40 e os 59 anos completos (quadro 4).

Por fim, a situação de trabalhador por conta própria verifica-se mais nos homens do que nas mulheres, nos grupos etários mais elevados e nos indivíduos que não possuem qualquer grau de instrução ou apenas o ensino básico.

Quadro 4 – Taxas mais baixas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 1998)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 1998)			
S/ instr	15-19	Mulher	3,70	1	superior	55-59	Mulher	0,00
Secund	15-19	Mulher	9,04	2	superior	50-54	Mulher	0,00

S/ instr	60-64	Mulher	10,41	3	superior	50-54	Homem	0,00
Secund	60-64	Mulher	14,29	4	superior	45-49	Homem	0,00
Secund	15-19	Homem	14,29	5	Secund	15-19	Homem	0,00
Básico	15-19	Mulher	14,56	6	S/ instr	25-29	Mulher	0,00
Básico	60-64	Mulher	14,68	7	Superior	40-44	Homem	0,97
S/ instr	55-59	Mulher	16,97	8	Superior	35-39	Homem	1,08

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

No 4º trimestre de 2000, a exemplo do período anterior, as taxas de emprego mais elevadas, verificaram-se em indivíduos com formação superior, em especial mulheres e nos grupos etários entre os 30 e os 54 anos completos (quadro 5).

O desemprego atingiu, sobretudo, as classes etárias dos 20-24 e 25-29 anos; os detentores de ensino superior destas classes etárias, possivelmente pelo facto de terem terminado a sua formação recentemente e procurarem entrar no mercado de trabalho, foram particularmente visados; as mulheres mostraram-se bastante mais vulneráveis do que os homens.

Quadro 5 – Taxas mais elevadas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2000)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2000)			
Superior	35-39	Mulher	90,36	1	Superior	20-24	Mulher	9,68
Superior	45-49	Mulher	88,60	2	Superior	20-24	Homem	9,43
Superior	35-39	Homem	86,42	3	Básico	20-24	Mulher	8,48
superior	30-34	Mulher	86,00	4	Superior	25-29	Mulher	7,87
superior	40-44	Mulher	85,81	5	Básico	30-34	Mulher	7,79
Superior	50-54	Mulher	83,95	6	s/ instr	60-64	Mulher	7,77
Superior	30-34	Homem	83,84	7	Básico	25-29	Mulher	7,68
secund	35-39	Homem	83,20	8	secund	55-59	Homem	7,02

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

As taxas de emprego mais baixas verificaram-se para as mulheres que não possuem qualquer grau de instrução e para os homens do mesmo grupo etário com o ensino básico, afigurando-se a falta de instrução e o sexo feminino como os atributos mais marcantes para o caso das baixas taxas de emprego (quadro 6).

Por sua vez, as taxas de desemprego mais baixas, surgem em especial nos indivíduos com instrução superior dos grupos etários 55-59 e 60-64 anos (quadro 6).

Quadro 6 – Taxas mais baixas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2000)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2000)			
s/ instr	15-19	Mulher	0,00	1	Secund	60-64	Mulher	0,00
secund	15-19	Homem	7,69	2	Superior	60-64	Homem	0,00
s/ instr	20-24	Mulher	8,00	3	Superior	55-59	Mulher	0,00
secund	15-19	Mulher	8,21	4	Superior	55-59	Homem	0,00
secund	60-64	Homem	9,62	5	Superior	55-59	Mulher	0,00
s/ instr	60-64	Mulher	9,94	6	s/ instr	20-24	Mulher	0,00
s/ instr	50-54	Mulher	14,23	7	superior	50-54	Mulher	1,23
Básico	15-19	Mulher	16,84	8	secund	45-49	Mulher	1,28

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

Os estudantes predominam nos grupos etários 15-19 e 20-24 anos completos, destacando-se tal como no período anterior as mulheres.

Os trabalhadores por conta própria atingem pesos mais elevados a partir dos 40 anos exactos e sobretudo nos homens, sendo no grupo dos possuidores do ensino básico que mais se evidenciam.

A análise do 4º trimestre de 2002 coloca em relevo que é o ensino superior que tem vindo a assegurar as mais altas taxas de emprego, sobretudo nos grupos etários entre os 30 e os 49 anos; permite ainda constatar que as taxas mais elevadas são detidas pelas mulheres (quadro 7).

No âmbito do desemprego, verifica-se que os grupos etários mais problemáticos são os 20-24 e 25-29 anos e que são as mulheres que são mais atingidas por esta ocorrência; verifica-se ainda que embora seja o facto de não se possuir qualquer habilitação que mais contribui para o desemprego, também o ensino superior começa a surgir com elevados níveis de desemprego (quadro 7).

Quadro 7 – Taxas mais elevadas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2002)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2002)			
Superior	45-49	Mulher	88,41	1	s/ instr	20-24	Mulher	23,81
Superior	30-34	Homem	87,00	2	superior	20-24	Mulher	18,25
Superior	30-34	Mulher	86,21	3	básico	20-24	Mulher	13,35
Superior	40-44	Mulher	84,38	4	s/ instr	15-19	Mulher	13,33
Superior	35-39	Mulher	82,22	5	superior	20-24	Homem	11,76
Secund	30-34	Mulher	80,77	6	básico	25-29	Mulher	11,08
Superior	25,29	Homem	80,27	7	básico	20-24	Homem	9,72
superior	35-39	Homem	80,25	8	s/ instr	55-59	Homem	9,57

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

As taxas mais baixas de emprego são quase sempre das mulheres, concorrendo ainda para o efeito as baixas qualificações e os grupos etários do topo ou da base da população em idade activa; enquanto na primeira situação pode estar em causa a antecipação da saída do mercado de trabalho, na segunda, pressupõe-se que um dos motivos seja o retardar da entrada no mercado de trabalho, nomeadamente para prosseguir estudos ou constituir família (quadro 8).

As baixas taxas de desemprego (quadro 8) estão frequentemente associadas à existência de formação superior, ao sexo masculino e à integração numa classe etária entre 35 e 55 anos.

As classes etárias entre os 15 e os 29 anos concentram a grande maioria dos estudantes, em especial a classe dos 15 aos 19 e a dos 20 aos 24 anos. Também, em 2002, se verifica que são as mulheres quem mais opta por prosseguir estudos.

Quanto aos trabalhadores por conta própria, e em linha com os períodos anteriores, concentram-se sobretudo nas faixas etárias do topo da população em idade activa, no sexo masculino e em baixos níveis de qualificação.

Quadro 8 – Taxas mais baixas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo, em 2002

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2002)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2002)			
Secund	60-64	Mulher	3,45	1	superior	55-59	Mulher	0,00
s/ instr	20-24	Mulher	4,76	2	superior	50-54	Homem	1,30
Secund	15-19	Mulher	8,89	3	superior	50-54	Mulher	2,00
s/ instr	60-64	Mulher	10,45	4	superior	60-64	Mulher	2,00
s/ instr	15-19	Homem	10,53	5	superior	45-49	Mulher	2,17
Secund	15-19	Homem	12,71	6	secund	60-64	Homem	2,17
s/ instr	15-19	Mulher	13,33	7	superior	35-39	Homem	2,47
Básico	15-19	Mulher	13,75	8	secund	15-19	Homem	2,54

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

As taxas de emprego mais elevadas, no 4º trimestre de 2004 (quadro 9), verificaram-se em indivíduos com o ensino superior do sexo feminino entre os 30-34 anos e os 50-54 anos, surgindo depois os homens com ensino secundário e superior dos grupos etários 35-39, 30-34 e 45-49 anos. Por sua vez, as taxas de emprego mais reduzidas incidem nos grupos etários 15-19 e 60-64 anos, privilegiando os indivíduos que não possuem qualquer grau de instrução, com o ensino secundário ou o ensino básico; é nas mulheres que se verificam as taxas de emprego mais baixas.

De acordo com o quadro 9, as taxas de desemprego mais elevadas verificam-se no grupo etário dos 20-24 anos para mulheres e homens detentores de um grau de instrução superior; o desemprego elevado verifica-se mais nas mulheres do que nos homens e a inexistência de qualquer grau de ensino ou o ensino básico são também preponderantes. O segundo grupo etário mais afectado pelo desemprego é o dos 25 aos 29 anos.

Quadro 9 – Taxas mais elevadas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2004)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2004)			
---------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Superior	45-49	Mulher	88,65	1	Superior	20-24	Mulher	16,46
Superior	35-39	Mulher	86,45	2	Superior	20-24	Homem	15,91
Superior	30-34	Mulher	86,05	3	Básico	20-24	Mulher	15,59
Superior	40-44	Mulher	84,94	4	s/ instr	20-24	Mulher	15,38
Superior	50-54	Mulher	83,01	5	s/ instr	15-19	Homem	14,29
Secund	35-39	Homem	81,90	6	Superior	25-29	Mulher	12,50
Superior	30-34	Homem	81,48	7	Básico	20-24	Homem	12,35
Superior	45-49	Homem	79,69	8	Básico	25-29	Mulher	12,33

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

As taxas de desemprego menos elevadas verificam-se sobretudo entre os possuidores de nível de instrução superior e nas classes etárias a partir dos 30-34 anos completos. De realçar ainda a inexistência de desemprego para os que não possuem qualquer grau de instrução dos grupos etários 15-19 e 25-29 anos completos. Nalguns grupos específicos do sexo feminino verifica-se inexistência de desemprego ou taxas muito reduzidas (quadro 10).

A exemplo dos períodos anteriores é nos grupos etários 15-19, 20-24 e já de forma menos substancial 25-29 anos, que se concentram a grande maioria dos estudantes, sendo estes em especial do sexo feminino.

Quadro 10 – Taxas mais baixas de emprego e desemprego por nível de instrução, grupo etário e sexo

Taxa de emprego % (4º Trimestre 2004)					Taxa de desemprego % (4º Trimestre 2004)			
s/ instr	15-19	Mulher	6,66	1	Superior	55-59	Mulher	0,00
Secund	60-64	Mulher	8,00	2	s/ instr	15-19	Mulher	0,00
Secund	60-64	Homem	8,00	3	s/ instr	25-29	Mulher	0,00
Básico	15-19	Mulher	9,13	4	Superior	50-54	Homem	0,76
Secund	15-19	Mulher	10,46	5	Superior	45-49	Homem	0,78
s/ instr	60-64	Mulher	11,29	6	Superior	45-49	Mulher	0,87
s/ instr	25-29	Mulher	11,54	7	Superior	35-39	Homem	1,28
Secund	15-19	Homem	12,93	8	Superior	60-64	Mulher	1,45

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

O trabalho por conta de outrem motiva sobretudo os homens das classes etárias a partir dos 35-39 anos com o ensino básico.

3.2 Análise de Correspondências Múltiplas

Através da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), identificaram-se em primeiro lugar, as principais associações entre variáveis e categorias, procurando, no caso, verificar associações entre a situação actual, idade, recodificada em grupo etário, nível de instrução e sexo.

Nos quadros 11 e 12 identificamos as variáveis e categorias utilizadas na análise de homogeneidade e apresentamos os parâmetros dos modelos.

Com base nos dados do quadro 12, respeitantes aos valores próprios que quantificam a variância explicada por cada dimensão, e ainda das medidas discriminantes em cada uma das dimensões, podemos considerar que em 1998, 2000, 2002 e 2004, tanto na dimensão 1 como na dimensão 2, é evidenciada a relação entre a situação actual e o grupo etário; a variância explicada, atendendo à medida de qualidade do ajuste (fit), no caso de 1998 é de 44,1%, em 2000 de 44,3%, em 2002 de 43,7% e em 2004 de 43,5%.

Quadro 11 – Variáveis utilizadas na ACM da situação actual

Variável	Descrição	Categorias
Ieq3	Sexo	Masculino Feminino

Grupoetario	Grupo Etário	15 a 19 anos 20 a 24 anos 25 a 29 anos 30 a 34 anos 35 a 39 anos 40 a 44 anos 45 a 49 anos 50 a 54 anos 55 a 59 anos 60 a 64 anos
Situaactual	Situação actual	Empregado TCO Desempregado Estudante TCP Outros
Instrnível	Nível de Instrução Recodificado	Sem instrução Básico Secundário Superior

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

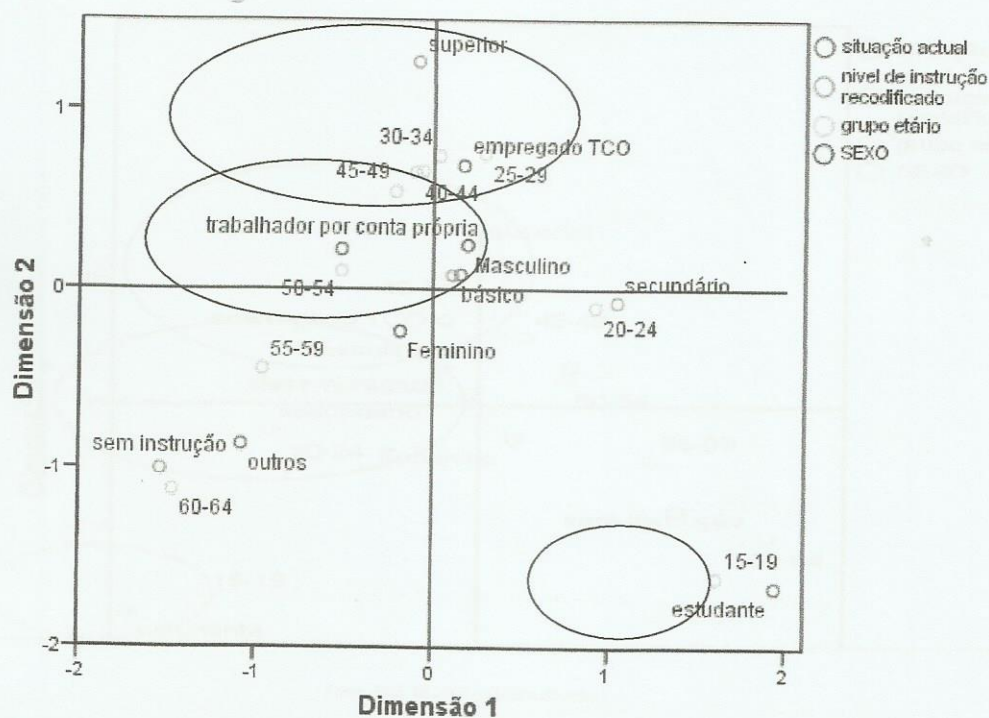
Quadro 12 – Análise de Correspondências Múltiplas: parâmetros dos vários modelos da situação actual

Períodos dos IE's	4º trimestre de 1998		4º trimestre de 2000		4º trimestre de 2002		4º trimestre de 2004	
Nº de observações	31478		29035		28507		32395	
Fit	0,881766		0,886068		0,873930		0,870709	
	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2
Eigenvalues Por Dimensões	0,473	0,408	0,477	0,409	0,468	0,406	0,465	0,406
Medidas Discriminantes p/ Dimensões	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2	Dim. 1	Dim. 2
Situaactual	0,719	0,698	0,714	0,696	0,741	0,681	0,798	0,643
Instrnível	0,421	0,223	0,437	0,230	0,376	0,244	0,276	0,316
Grupoetario	0,718	0,654	0,717	0,635	0,734	0,641	0,778	0,635
Ieq3 (sexo)	0,036	0,059	0,039	0,076	0,019	0,060	0,008	0,028

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

Figura 1 – Quantificações relativas à situação actual, grupo etário, sexo e nível de instrução em 1998

Quantificações

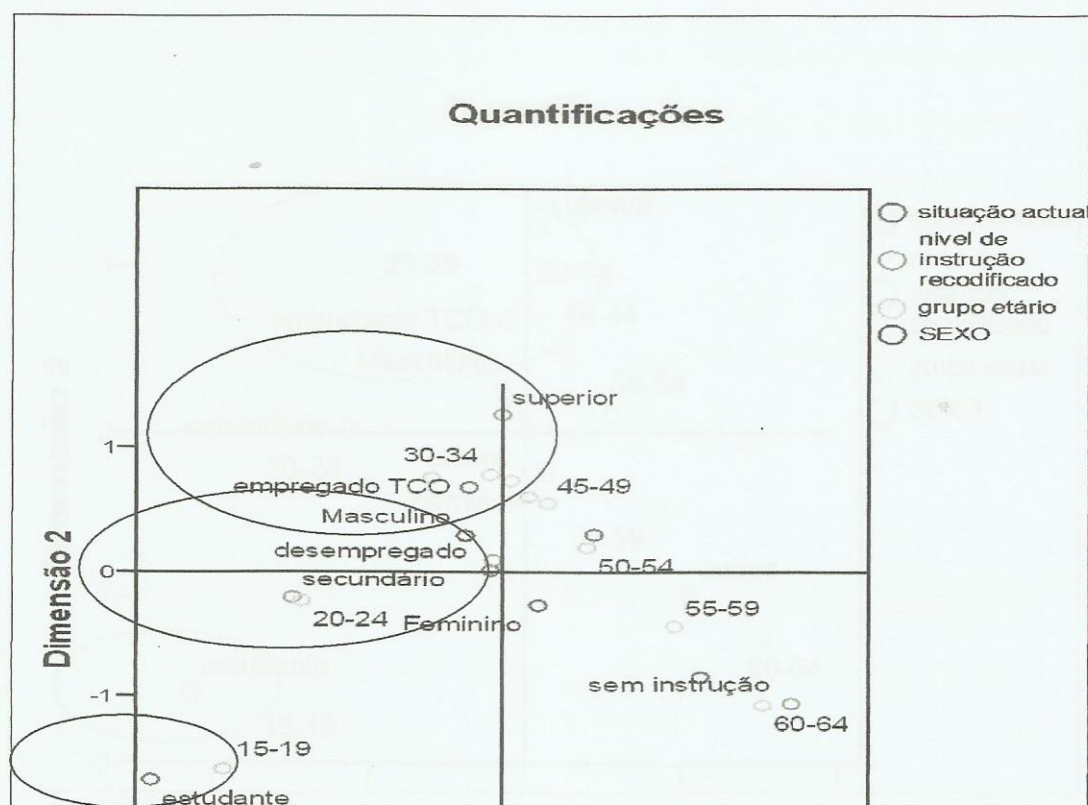


Fonte: INE, IE 1998 (cálculos do autor)

A figura supra evidencia que no 4º trimestre de 1998:

- a situação de estudante se verifica com especial intensidade no âmbito do grupo etário 15-19 anos completos;
- a situação de empregado por conta de outrem está ligada aos grupos etários 25-29, 30-34, 40-44 e 45-49 anos completos, bem como à instrução de grau superior;
- o trabalho por conta própria verifica-se sobretudo em indivíduos do sexo masculino, com o ensino básico e pertencentes aos grupos etários 40-44, 45-49 e 50-54 anos completos.

Figura 2 – Quantificações relativas à situação actual, grupo etário, sexo e nível de instrução em 2000



Fonte: INE, IE 2000 (cálculos do autor)

No 4º trimestre de 2000, o que se pode constatar da análise da figura 2 é que:

a exemplo do período anterior, o grupo etário dos 15 aos 19 anos completos está ligado de modo especial à possibilidade de se ser estudante;

a situação de empregado por conta de outrem é preponderante nos indivíduos do sexo masculino estando também ligada, quer à instrução superior, quer aos grupos etários 30-34 e 45-49 anos completos;

o desemprego atinge ambos os sexos e é particularmente visível para o grupo etário dos 20-24 anos completos e para os indivíduos com formação a nível de ensino secundário.

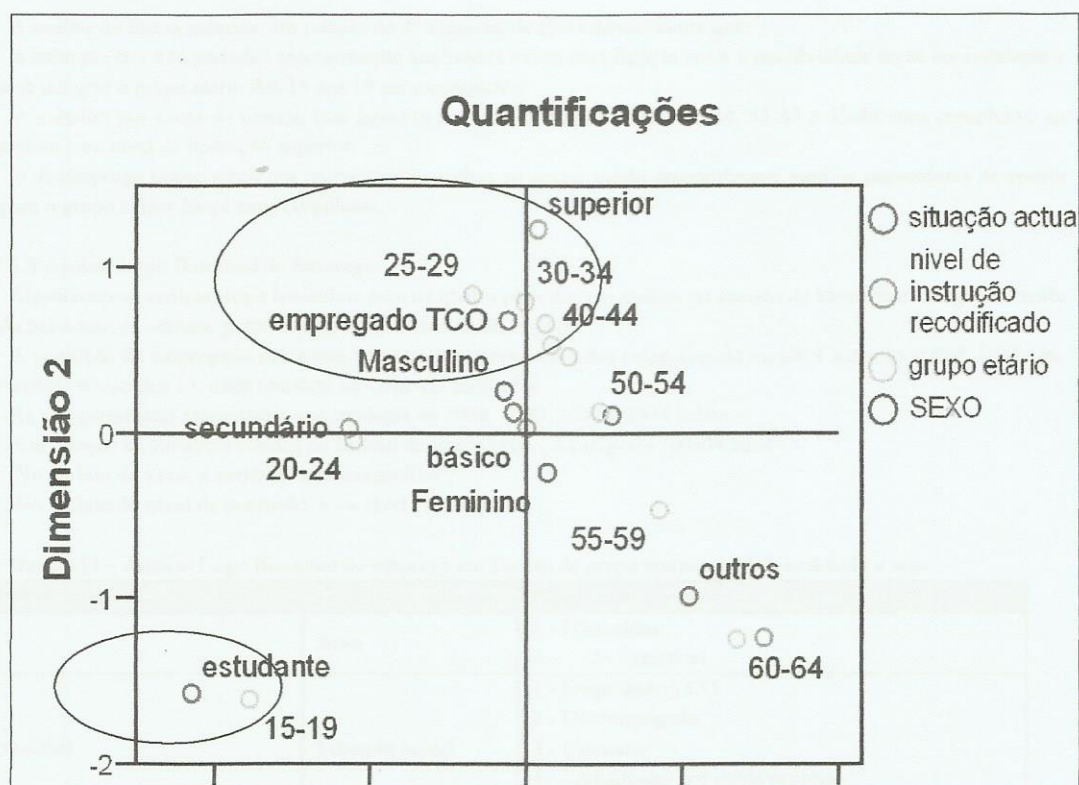
No 4º trimestre de 2002, conforme se pode verificar na figura 3 há a destacar:

a exemplo do período anterior, o grupo etário dos 15 aos 19 anos completos está ligado de modo especial à possibilidade de se ser estudante;

a ligação entre o grupo etário dos 15-19 anos completos e a situação de estudante;

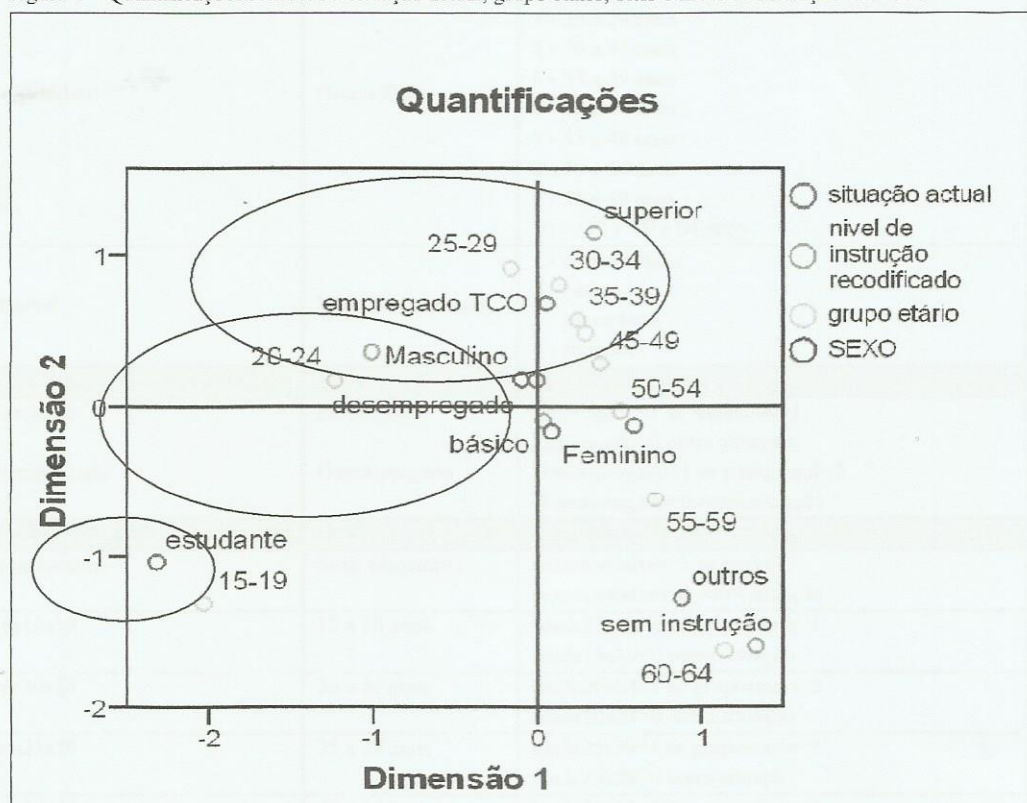
a ligação entre os grupos etários 25-29, 30-34 e 40-44 anos completos à situação de empregado por conta de outrem, que está ainda ligada, quer ao sexo masculino, quer à posse de nível de instrução superior.

Figura 3 – Quantificações relativas à situação actual, grupo etário, sexo e nível de instrução em 2002



Fonte: INE, IE 2002 (cálculos do autor)

Figura 4 – Quantificações relativas à situação actual, grupo etário, sexo e nível de instrução em 2004



Fonte: INE, IE 2004 (cálculos do autor)

A análise da figura anterior, em relação ao 4º trimestre de 2004 dá-nos conta que:

a exemplo dos três períodos anteriormente analisados existe uma ligação entre a possibilidade de se ser estudante e o facto de se integrar o grupo etário dos 15 aos 19 anos completos;

o trabalho por conta de outrem tem ligações aos grupos etários 25-29, 30-34, 35-39 e 45-49 anos completos, ao sexo masculino e ao nível de instrução superior;

o desemprego faz-se sentir em indivíduos de ambos os sexos, sendo preponderante para os possuidores de ensino básico e para o grupo etário 20-24 anos completos.

3.3 Análise Logit Binomial do Emprego

Efectuaram-se análises logit binomiais para os quatro períodos em análise no sentido de identificar as ligações entre empregado por conta de outrem, grupo etário, nível de instrução e sexo.

A condição de empregado por conta de outrem constitui uma das categorias da variável situação actual, conforme se pode verificar no quadro 13, onde constam as variáveis utilizadas.

As categorias base respeitantes aos modelos de 1998, 2000, 2002 e 2004 foram:

Em relação às variáveis criadas no âmbito do grupo etário, a categoria “60a64 anos”;

No âmbito do sexo, a variável “sexomascuino”;

No âmbito do nível de instrução, a variável “seminstr”.

Quadro13 – Análise Logit Binomial do emprego em função de grupo etário, nível de instrução e sexo

Variáveis base	Descrição	Categorias
Ieq3	Sexo	1 - Masculino 2 - 2- Feminino
Situaactual	Situação actual	1 - Empregado TCO 2 - Desempregado 3 - Estudante 4 - Trabalhador por conta própria 5 - Outros
Grupoetario	Grupo Etário	1 - 15 a 19 anos 2 - 20 a 24 anos 3 - 25 a 29 anos 4 - 30 a 34 anos 5 - 35 a 39 anos 6 - 40 a 44 anos 7 - 45 a 49 anos 8 - 50 a 54 anos 9 - 55 a 59 anos 10 - 10 - 60 a 64 anos
Instrnivel	Nível de Instrução	1 - seminstrução 2 - básico 3 - secundário 4 - superior
Variáveis Dependentes utilizadas	Descrição	Categorias
Empregado	Empregado	Empregado=1 se situaactual=1 Empregado=0 outra situação;
Desempregado	Desempregado	Desempregado=1 se situaactual=2 Desempregado=0 outra situação
Variáveis Independentes utilizadas	Descrição	Categorias
Sexomascuino	Sexo Masculino	sexomascuino=1 se ieq3=1 sexomascuino=0 outra situação
idade15a19	15 a 19 anos	Idade15a19=1 se grupoetario=1 Idade15a19=0 outra situação
idade20a24	20 a 24 anos	Idade20a24=1 se grupoetario=2 Idade20a24=0 outra situação
idade25a29	25 a 29 anos	idade25a29=1 se grupoetario=3 idade25a29=0 outra situação
idade30a34	30 a 34 anos	idade30a34=1 se grupoetario=4 idade30a34=0 outra situação
idade35a39	35 a 39anos	idade35a39=1 se grupoetario=5 idade35a39=0 outra situação

idade40a44	40 a 44 anos	idade40a44=1 se grupoetario=6 idade40a44=0 outra situação
idade45a49	45 a 49 anos	idade45a49=1 se grupoetario=7 idade45a49=0 outra situação
idade50a54	50 a 54 anos	idade50a54=1 se grupoetario=8 idade50a54=0 outra situação
idade55a59	55 a 59 anos	idade55a59=1 se grupoetario=9 idade55a59=0 outra situação
idade60a64	60 a 64 anos	idade60a64=1 se grupoetario=10 idade60a64=0 outra situação
Seminstr	Sem instrução	seminstr=1 se instrnivel=1 seminstr=0 outra situação
Instrbas	Instrução básica	instrbas=1 se instrnivel=2 instrbas=0 outra situação
Instrsec	Instrução secundária	instrsec=1 se instrnivel=3. =0 outra situação
Instrsup	Instrução superior	instrsup=1 se instrnivel=4 instrsup=0 outra situação

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (recodificações do autor)

O modelo do 4º trimestre de 1998 (quadro 14) apresenta significância no seu todo, revelando-se também com significância para todas as variáveis. As classificações correctas foram de 67,19%, revelando um bom ajuste do modelo.

Quadro 14 – Modelo Logit Binomial da situação empregado, 4º Trimestre de 1998

Empregado	Coef.	Std. Err.	Z	P> Z	[95% Conf. Interval]	
Idade15a19	-.1338445	.0668955	-2.00	0.045	-.2649572	-.0027317
Idade20a24	1.483384	.0617002	24.04	0.000	1.362454	1.604315
Idade25a29	2.080811	.0644062	32.31	0.000	1.954577	2.207044
Idade30a34	2.073293	.0634554	32.67	0.000	1.948923	2.197663
Idade35a39	1.861586	.0619751	30.04	0.000	1.740117	1.983055
Idade40a44	1.774973	.0620818	28.59	0.000	1.653295	1.896651
Idade45a49	1.60063	.0626598	25.54	0.000	1.477819	1.723441
Idade50a54	1.246987	.0625913	19.92	0.000	1.12431	1.369663
Idade55a59	.7233624	.0642754	11.25	0.000	.5973849	.8493399
Sexofeminino	-.5657056	.0249238	-22.70	0.000	-.6145554	-.5168559
Instrsup	1.737878	.0699932	24.83	0.000	1.600694	1.875062
Instrsec	.547876	.0562659	9.74	0.000	.4375969	.6581552
Instrbas	.709168	.043806	16.19	0.000	.6233099	.7950261
_cons	-1.779467	.0586791	-30.33	0.000	-1.894476	-1.664458
Nº de Observações	31477					
Log Likelihood ratio	-18956,747					
LR chi2 (13)	5659,44					
Prob > chi2	0,0000					
Pseudo R2	0,1299					
Classificaç. Correctas	67,19%					

Fonte: INE, IE's 1998 (cálculos do autor)

No âmbito do modelo apresentado, destaca-se o seguinte:

A nível de idades verifica-se que comparativamente ao grupo dos 60-64 anos (grupo base):

- a possibilidade do grupo etário 15-19 anos completos estar empregado diminui 1,14 vezes, aumentando nos restantes grupos etários e atingindo um máximo no grupo 25-29 anos completos, correspondendo a um aumento de 8,01 vezes;

A nível de instrução de realçar que as possibilidades de se estar empregado face aos que não possuem qualquer grau de instrução aumentam sempre, sendo esse aumento de 5,69 vezes no caso da instrução superior, de 1,73 vezes no caso da instrução secundária e de 2,03 no caso da instrução básica;

As possibilidades das mulheres estarem empregadas em relação aos homens, diminuem 1,76 vezes.

O modelo relativo a 2000 (quadro 15) apresenta significância no seu todo, revelando-se com significância em todas as variáveis exceptuando a "idade15a19". Apresenta ainda um bom ajustamento de acordo com os dados apresentados no quadro seguinte.

Quadro 15 – Modelo Logit Binomial da situação empregado, 4º Trimestre de 2000

Empregado	Coef.	Std. Err.	Z	P> Z	[95% Conf. Interval]	
Idade15a19	-.105137	.0678805	-1.55	0.121	-.2381802	.0279063
Idade20a24	1.475215	.0629982	23.42	0.000	1.351741	1.598689
Idade25a29	2.166712	.0664722	32.60	0.000	2.036428	2.296995
Idade30a34	2.086622	.0661118	31.56	0.000	1.957045	2.216199
Idade35a39	2.026571	.0640522	31.64	0.000	1.901031	2.152111
Idade40a44	1.767771	.0622696	28.39	0.000	1.645725	1.889817
Idade45a49	1.568677	.0626587	25.04	0.000	1.445868	1.691485
Idade50a54	1.229769	.0624016	19.71	0.000	1.107464	1.352074
Idade55a59	.6520842	.0642321	10.15	0.000	.5261915	.7779769
Sexofeminino	-.5830997	.0260632	-22.37	0.000	-.6341827	-.5320168
Instrsup	1.695141	.0747011	22.69	0.000	1.54873	1.841553
Instrsec	.4430851	.0600528	7.38	0.000	.3253838	.5607864
Instrbas	.617858	.047871	12.91	0.000	.5240325	.7116836
_cons	-1.645442	.0606295	-27.14	0.000	-1.764274	-1.52661
Nº de Observações	29035					
Log Likelihood ratio	-17411,462					
LR chi2 (13)	5412,06					
Prob > chi2	0,0000					
Pseudo R2	0,1345					
Classificaç. Correctas	68,06					

Fonte: INE, IE's 2000 (cálculos do autor)

Este modelo permite evidenciar o seguinte:

A nível de idades verifica-se que, comparativamente ao grupo dos 60-64 anos (grupo base):

- as possibilidades de se estar empregado face a não estar são maiores para qualquer dos outros grupos etários, sendo máximas no grupo 25-29 anos (correspondendo a 8,73 vezes) e verificando-se depois um decréscimo; o grupo etário 15-19 anos não é objecto desta análise dado não apresentar significância.

A posse de instrução superior aumenta as possibilidades de se estar empregado em 5,45 vezes em relação aos que não possuem qualquer grau de instrução; também neste caso, as possibilidades de se estar empregado com qualquer nível de instrução são maiores que para os que não possuem qualquer grau de instrução;

Ser mulher diminui as possibilidades de se estar empregado face a ser-se homem em 1,79 vezes.

O modelo respeitante ao 4º trimestre de 2002 (quadro 16), apresenta significância no seu todo, e em todas as variáveis. Apresenta ainda um bom ajustamento conforme se pode verificar no quadro referido.

Quadro 16 – Modelo Logit Binomial da situação empregado, 4º Trimestre de 2002

Empregado	Coef.	Std. Err.	Z	P> Z	[95% Conf. Interval]	
Idade15a19	-.1619411	.0723886	-2.24	0.025	-.3038201	-.0200621
Idade20a24	1.543318	.0646559	23.87	0.000	1.416594	1.670041
Idade25a29	2.17497	.0677699	32.09	0.000	2.042143	2.307796
Idade30a34	2.161597	.0684439	31.58	0.000	2.02745	2.295745
Idade35a39	1.986651	.0656227	30.27	0.000	1.858033	2.115269
Idade40a44	1.897151	.064628	29.35	0.000	1.770482	2.023819
Idade45a49	1.698678	.0638112	26.62	0.000	1.573611	1.823746
Idade50a54	1.325419	.0633604	20.92	0.000	1.201235	1.449603
Idade55a59	.7966612	.0649868	12.26	0.000	.6692894	.924033
Sexofeminino	-.5033127	.0261588	-19.24	0.000	-.554583	-.4520425
Instrsup	1.718419	.0748019	22.97	0.000	1.57181	1.865028

Instrsec	.5904088	.0628069	9.40	0.000	.4673095	.7135081
Instrbas	.7512546	.0522096	14.39	0.000	.6489256	.8535836
_cons	-1.875649	.0667284	-28.11	0.000	-2.006434	-1.744863
Nº de Observações	28507					
Log Likelihood ratio	-17204,143					
LR chi2 (13)	5105,66					
Prob > chi2	0,0000					
Pseudo R2	0,1292					
Classificaç. Correctas	67,28					

Fonte: INE, IE's 2002 (cálculos do autor)

Os dados mais relevantes tendo em conta as hipóteses formuladas são os seguintes:

As possibilidades de se estar empregado face a não estar, comparando os vários grupos etários com o grupo dos 60-64 anos completos, são maiores em todos os grupos etários com excepção do grupo 15-19 anos completos. Esse aumento de possibilidades é máximo no grupo dos 25 a 29 anos completos (8,80 vezes), decrescendo progressivamente nos grupos etários seguintes;

Por sua vez as possibilidades de estar empregado em função do nível de instrução e face aos que não possuem qualquer nível aumentam 5,76 vezes no caso de se possuir instrução superior, 1,80

As possibilidades de estar empregado diminuem 1,65 vezes nas mulheres em relação aos homens.

O modelo respeitante ao 4º trimestre de 2004 apresenta significância no seu todo, revelando-se com significância em todas as variáveis. Apresenta ainda um bom ajustamento conforme se pode verificar.

Quadro 17 – Modelo Logit Binomial da situação empregado, 4º Trimestre de 2004

Empregado	Coef.	Std. Err.	Z	P> Z	[95% Conf. Interval]	
Idade15a19	-.4282423	.0739111	-5.79	0.000	-.5731054	-.2833793
Idade20a24	1.388962	.0637799	21.78	0.000	1.263956	1.513968
Idade25a29	2.141957	.0661105	32.40	0.000	2.012383	2.271532
Idade30a34	2.320462	.0656653	35.34	0.000	2.191761	2.449164
Idade35a39	2.117088	.0633686	33.41	0.000	1.992887	2.241288
Idade40a44	2.000613	.0619035	32.32	0.000	1.879284	2.121941
Idade45a49	1.783659	.0619957	28.77	0.000	1.66215	1.905169
Idade50a54	1.476364	.0621157	23.77	0.000	1.35462	1.598109
Idade55a59	.8248381	.063921	12.90	0.000	.6995551	.950121
Sexofeminino	-.424895	.0246797	-17.22	0.000	-.4732664	-.3765236
Instrsup	1.573228	.0686852	22.90	0.000	1.438607	1.707848
Instrsec	.6315911	.0628308	10.05	0.000	.5084449	.7547372
Instrbas	.6780369	.0549809	12.33	0.000	.5702763	.7857974
_cons	-1.913688	.069879	-27.39	0.000	-2.050649	-1.776728
Nº de Observações	32395					
Log Likelihood ratio	-19379,201					
LR chi2 (13)	6145,44					
Prob > chi2	0,0000					
Pseudo R2	0,1369					
Classificaç. Correctas	67,95					

Fonte: INE, IE's 2004 (cálculos do autor)

Dos dados constantes no quadro 17, realce-se que:

As possibilidades de se estar empregado de acordo com o grupo etário e por comparação com o grupo dos 60-64 anos completos aumentam para todos os grupos com excepção do grupo 15-19 anos completos, verificando-se um máximo no caso dos 30-34 anos completos (aumento de 10,18 vezes), ocorrendo depois um decrescimento gradual;

Os titulares de um diploma de instrução superior têm 4,82 vezes mais possibilidades de estar empregados que os que não possuem grau de instrução; esse aumento é de 1,88 vezes no caso dos indivíduos com instrução secundária e de 1,97 vezes no caso da instrução básica;

As mulheres têm 1,53 vezes menos hipóteses de estar empregadas do que os homens.

3.4 Análise logit Multinomial da Situação Actual

Efectuaram-se análises logit multinomiais para os quatro períodos em análise no sentido de identificar as ligações entre desemprego, estudo, trabalho por conta própria e outras situações, com o nível de instrução, idade, recodificada em grupo etário, e sexo.

As variáveis utilizadas foram as mesmas da análise logit binomial, com a diferença da variável dependente passar a ser a situação actual, cujo significado foi já explicitado no ponto 8.2.3; no quadro 18 constam as suas especificações. A análise logit multinomial relativa aos 4 períodos em análise, revelou significância para todos os períodos, verificando-se, no entanto, não significância para as variáveis identificadas no quadro seguinte e de acordo com as categorias específicas da variável dependente.

Quadro 18 – Análises Logits Multinomiais da situação actual (1998 a 2004)

Dados dos logits Multinomiais	1998	2000	2002	2004
Observações	31477	29035	28507	32395
Log Likelihood ratio	-32234,145	-29060,587	-29404,298	-32639,097
LR chi2	(52)21314,18	(52)19702,64	(52)18468,92	(52)22428,22
Prob > chi2	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
Pseudo R2	0,2485	0,2532	0,2390	0,2557
Grupo base p/ a variável dependente	empregado	empregado	empregado	empregado
Grupo base p/ as variáveis independentes	Idade25a29 Sexomascuino Seminstrução	Idade25a29 Sexomascuino Seminstrução	Idade25a29 Sexomascuino Seminstrução	Idade25a29 Sexomascuino Seminstrução
Variáveis sem Significância p/ grupo 2	Idade50a54	Idade30a34 Idade35a39 Idade40a44 Idade50a54	Idade55a59	Nenhuma
Variáveis sem Significância p/ grupo 3	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Variáveis sem Significância p/ grupo 4	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Variáveis sem Significância p/ grupo 5	Idade30a34	Idade20a24 Idade30a34	Idade20a24 Idade30a34	Idade20a24 Idade30a34

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

Analisando os resultados dos rácios de risco relativo do quadro 19, é patente que:

No âmbito da probabilidade dos inquiridos estarem desempregados face a estarem empregados, verifica-se que:

- nos grupos etários 15-19, 20-24 e 60-64 anos, a probabilidade de desemprego aumenta face ao grupo 25-29 anos, sobretudo no grupo etário 15-19 anos, no 4º trimestre de 2000 (2,53 vezes) e no grupo etário 60-64 anos também no 4º trimestre de 2000 (2,47 vezes); no caso do grupo etário 45-49 anos, a probabilidade diminui em especial no 4º trimestre de 2004 (1,49 vezes);

- para o sexo feminino, face ao masculino, a probabilidade de desemprego aumenta em todos os períodos sendo máxima no 4º trimestre de 2000 (1,77 vezes);

- para todos os níveis de instrução, face à não instrução, a probabilidade de desemprego diminui, sendo essa diminuição de 3,54 vezes no caso da instrução superior, 1,46 vezes no caso da instrução secundária e 1,41 vezes no caso da instrução básica no 4º trimestre de 1998; de 2,63 vezes no caso da instrução superior, de 1,46 vezes no caso da instrução secundária e 1,30 vezes no caso da instrução básica no 4º trimestre de 2000; no 4º trimestre de 2002 a diminuição cifra-se em 2,79 vezes em relação à instrução superior, 2,04 vezes relativamente à instrução secundária e 1,57 vezes no caso da instrução básica; no 4º trimestre de 2004, a diminuição das probabilidades de desemprego é de 2,89 vezes para os detentores de instrução superior, de 2,17 vezes para os detentores de instrução secundária e de 1,34 vezes para os que possuem instrução básica.

No âmbito da probabilidade dos inquiridos serem trabalhadores por conta própria (TCP), face a empregados (TCO), verifica-se que:

- a probabilidade aumenta face ao grupo etário dos 25-29 anos para os grupos seguintes, sendo esse aumento tanto maior quanto maior for o grupo etário, pelo que o ponto máximo (9,28 vezes) ocorre para o grupo dos 60-64 anos no 4º trimestre de 2004; para os grupos 15-19 e 20-24 anos a probabilidade diminui;

- a probabilidade do sexo feminino diminui substancialmente face à do sexo masculino, sendo essa diminuição mais elevada no 4º trimestre de 2004 (1,28 vezes);

- a probabilidade de ser trabalhador por conta própria, face a estar empregado, diminui em função do aumento do nível de instrução e comparativamente aos sem grau de instrução, sendo essa diminuição máxima (4,20 vezes) para os detentores de instrução superior no 4º trimestre de 2002 e mínima (1,36 vezes) para os com instrução básica no 4º trimestre de 2004.

Quadro 19 – Análises Logits Multinomiais da situação actual por nível de instrução, por grupo etário e sexo

Instrnível (Nível de instrução)	Var. Indepen.	RRR1998	RRR2000	RRR2002	RRR2004
2 (desempregado)	instrsup	.2828328	.380528	.3578453	.3463511
2 (desempregado)	instrsec	.6834695	.6855546	.4892992	.4600447
2 (desempregado)	instrbas	.7059052	.7684069	.6377379	.748853
2 (desempregado)	idade15a19	2.250056	2.533961	1.954432	1.873884
2 (desempregado)	idade20a24	1.295314	1.538417	1.356945	1.323278
2 (desempregado)	idade45a49	.6877845	.7388571	.6900368	.6707964
2 (desempregado)	idade60a64	1.635943	2.466283	1.806943	1.330086
2 (desempregado)	sexofeminino	1.674077	1.766693	1.603208	1.503692
4 (trabalhadores p/ conta própria)	instrsup	.2498203	.260537	.2379075	.3209607
4 (trabalhadores p/ conta própria)	instrsec	.3483562	.398108	.4405575	.4228104
4 (trabalhadores p/ conta própria)	instrbas	.6089759	.7052875	.6136205	.7363728
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade15a19	.2335558	.351938	.4246428	.2232603
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade20a24	.5752927	.4944879	.5534064	.3349343
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade30a34	1.511853	1.630343	1.811303	1.423579
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade35a39	2.044075	1.822462	2.186054	1.870777
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade40a44	2.364527	2.549401	2.447842	2.28533
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade45a49	2.71957	3.062488	2.902407	2.733715
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade50a54	3.287401	3.56315	3.703715	3.262743
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade55a59	4.744134	4.752242	5.408962	5.009116
4 (trabalhadores p/ conta própria)	idade60a64	7.447924	7.878491	9.234981	9.275957
4 (trabalhadores p/ conta própria)	sexofeminino	.8188335	.7890343	.8024505	.7823756

Fonte: INE, IE's 1998, 2000, 2002 e 2004 (cálculos do autor)

4. Discussão dos Resultados e principais conclusões

Discutem-se de seguida os resultados encontrados para os empregados, para os desempregados, e para os trabalhadores por conta própria.

Os resultados que apresentámos a nível da situação de empregado (TCO) permitem verificar que:

Em três dos quatro períodos em análise a possibilidade de estar empregado aumenta até aos 25-29 anos decrescendo depois; em 2004, o ponto máximo situa-se nos 30-34 anos;

Em relação à maior possibilidade de se estar empregado por parte dos homens, de acordo com a nossa hipótese, pudemos verificá-lo em todos os períodos; não obstante, constitui surpresa o facto dessa situação ser mais evidente em 2004 do que em 1998;

No que diz respeito às habilitações académicas verificámos que são os possuidores de instrução superior os que têm mais possibilidades de estar empregados (no entanto, verifica-se um esbatimento dessa tendência entre 1998 e 2004). Com efeito, “O emprego qualificado em Portugal cresce regularmente há várias décadas” (Rodrigues, 2002, p. 151); os sem qualquer grau de instrução são os que têm menos possibilidades; com efeito, em qualquer dos períodos, as possibilidades de estar empregado serem maiores nos indivíduos com instrução básica do que nos com instrução secundária.

Quanto ao desemprego, são os grupos etários 15-19, 20-24 e 60-64 anos os mais atingidos.

O sexo feminino constitui um grupo particularmente vulnerável ao desemprego que é sempre superior ao do sexo masculino. O desemprego atinge em especial os menos qualificados sendo tanto maior quanto menor o grau de qualificação.

Estes dados relativos ao desemprego evidenciam, quer as dificuldades dos mais jovens no processo de transição entre a escola e o mundo do trabalho, quer as dificuldades acrescidas das mulheres face aos homens, quer ainda as dificuldades dos menos qualificados, o que é corroborado por vários autores como é o caso de Gonçalves (2000).

De qualquer forma, importa acrescentar que, de acordo com alguns autores, a formação escolar não influencia de forma substancial o fluxo de saída do desemprego (Portugal e Dias, 1997); para outros, e com base nos dados do IIEP de 2003, a duração do desemprego dos mais qualificados é menor (Gonçalves, Carreira, Valadas e Sequeira, 2006).

Bibliografia

- BANDEIRA, Mário Leston, (2006), "Demografia, Actividade e Emprego", in *Sociologia Problemas e Práticas*, nº52, 2006, CIES/ISCTE/CELTA, pp. 11-39;
- BIT, (2004), *Tendances Mondiales de l'Emploi de Jeunes*, Genève, BIT;
- CARRILHO, Maria José, (1996), "População activa, conceito e extensão através dos Censos", in: *Revista de Estatística*, 3º quadrimestre de 1996, nº 3, Lisboa, INE, pp. 71-88;
- GAZIER, Bernard, (1992), *Économie du travail et de l'emploi*, sécond édition, Paris, Éditions Dalloz;
- GIDDENS, Anthony, (1997), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;
- GONÇALVES, Carlos Manuel (2000) "Emprego e Desemprego: algumas notas de reflexão", in *Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia*, CD-ROM;
- GONÇALVES, Fernando Ribeiro, CARREIRA, Teresa, VALADAS, Sandra, SEQUEIRA, Bernardete, (2006) "Percursos de Empregabilidade dos licenciados: perspectivas europeias e nacional", in *Análise Psicológica*, Volume 24, nº1, pp. 99-114;
- KOVÁCS, Ilona (2004) "Emprego flexível em Portugal", in *Sociologias*, ano 6, nº 12, pp. 32-67;
- PEDROSO, Paulo (coord.), (2005), *Acesso ao emprego e mercado de trabalho: formulação de políticas públicas no horizonte de 2013*, Coimbra, FEUC;
- PEREIRA, Eduardo, (1999), *População e Demografia, quem somos, como somos*, Lisboa, INE;
- RODRIGUES, Maria de Lurdes (2002) "O crescimento do Emprego Qualificado em Portugal" in *Sociologia Problemas e Práticas*, 2002, nº 40, Lisboa, CIES/DS, ISCTE pp. 151-153;

Ações e Saberes mobilizados por professores da educação profissional técnica

Jussara Biagini

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFETMG

jubiagini@adm.cefetmg.br

Mabel Rocha Couto

Centro Fedral de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

mabemar@terra.com.br

Resumo: Este artigo pretende analisar, a partir de leituras interpretativas dos memoriais elaborados entre anos de 2004 a 2007, as ações e fazeres mobilizados por um grupo de professores da Educação Profissional Técnica. Ante o desenvolvimento da carreira de docência, esclarece-se que esses professores investigados encontram em um estágio de sua profissionalidade, no qual a progressão funcional vertical é obtida a partir da confecção de um memorial. No âmbito da orientação legal, esse documento consiste em apresentar reflexões sobre experiência de trabalho e/ou estudo na área conhecimento que leciona, de modo a elucidar motivações e razões que justifiquem a obtenção de tal progressão. (Portaria ministerial n 475/87) Baseando-se no material consultado, pontua-se a emergência dos seguintes aspectos interdependentes e complementares a respeito das ações e saberes mobilizados pelos docentes investigados que desenvolvem a profissão professor em uma Instituição de Educação Profissional Técnica: saber experiencial como veio condutor da profissionalização do ensino; escola como organização de aprendizagem profissional; competência profissional postulada por um status profissionalizante do trabalho da docência.

Palavras-chave: Organização escola, trabalho docente, profissão professor

A escolha desses sujeitos para o desenvolvimento da pesquisa expressa a face de considerá-los como profissionais ligados as dinâmicas de (re)criação de saberes, na medida em que fica reconhecida, em sua profissionalidade, a função de ensinar. A prática docente modela o processo formativo da sala de aula, pois essa prática não se faz como mera preparação técnica para desempenho da atividade de ensinar. O ensino cria certos usos específicos de lidar com processo formativo escolar, de interação pessoal entre professor e alunos, de comunicação particularizada do trabalho educativo-pedagógico desenvolvido na sala de aula. Sob tal perspectiva se percebe a difusão e/ou aceitação de formas particulares de visão mundo.